



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

VIOLÊNCIA EM DARFUR: front e fronteira na Guerra do Sudão

Víctor Daltoé dos Anjos¹

victordaltoe@gmail.com

(X) Apresentação Oral (GT)

() Exposição de Banner

GT pretendido: Fronteiras e Limites em Múltiplas Escalas

RESUMO

A Guerra do Sudão se desenrola desde abril de 2023 e causa violações em massa ao direito humanitário internacional, exacerbadas na província de Darfur Ocidental, cuja capital, El Geneina, foi arrasada pelas Forças de Apoio Rápido (RSF). O objetivo da presente pesquisa é identificar as condicionantes geográficas que colocaram El Geneina na rota de um dos piores massacres da guerra civil sudanesa, apoiando-se em cartografia adequada para observar o drama por meio de uma análise multiescalar. Conclui-se que a posição de Darfur Ocidental na fronteira com o Chade, por onde as RSF recebem o auxílio militar dos Emirados Árabes Unidos, é pivotal para compreender o caso de El Geneina, mas principalmente o povoamento massal na província, pois a representação geográfica sobre a nação no Sudão costuma ser excludente em relação à enorme periferia não-árabe do país, atizando conflitos étnicos por toda a região de Darfur.

Palavras-chave: Sudão; Darfur; fronteira; front; direitos humanos.

INTRODUÇÃO

A Guerra do Sudão eclodiu em abril de 2023, com violência suficiente para deslocar à força mais de 10 milhões de pessoas, ultrapassando os casos da Ucrânia, da Síria e da República Democrática do Congo (Congo-RDC). Os civis fogem em massa do choque entre as Forças Armadas do Sudão (SAF) e as Forças de Apoio Rápido (RSF), grupo rebelde oriundo das milícias árabes *janjaweed*, acusadas de genocídio contra não-árabes no conflito de Darfur (2003-2008). Os insurgentes recebem o auxílio militar dos Emirados Árabes Unidos na nova guerra civil, ajuda que chega por meio do Chade e da região sudanesa de Darfur, posicionando a fronteira no centro do drama nacional. As principais vítimas são os civis das etnias massalit, fur e zaghawa, aterrorizados pelas RSF, e cujas cidades e vilarejos também são ameaçados pelo arbítrio dos bombardeios contrainsurgentes. É a paisagem do medo em Darfur.

Em novembro de 2023, a cidade de El Geneina, capital do Darfur Ocidental, foi conquistada pelas RSF num dos episódios mais graves da Guerra do Sudão. Os invasores utilizaram artilharia pesada contra bairros civis e transformaram escolas, hospitais, mesquitas em alvos deliberados de guerra urbana. Dentre as violações ao direito humanitário internacional cometidas pelos rebeldes e seus aliados estão a

¹ Geógrafo e Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Doutorando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo/SP, sob orientação do Prof. Dr. Wanderley Messias da Costa.

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026
Porto Velho-RO
vcongo2026@unir.br
[@vcongo2026](https://www.instagram.com/vcongo2026)
[vcongo2026.unir.br](https://www.facebook.com/vcongo2026.unir.br)
www.even3.com.br/vcongo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

execução sistemática de civis com motivações étnicas, a violência sexual generalizada contra as mulheres e a destruição de campos de deslocados internos (ONU, 2024, p. 27-31). Os massalits eram o alvo principal do ataque a El Geneina e arredores, que causou entre 10 mil a 15 mil mortes segundo a Organização das Nações Unidas (idem, p. 19).

Não faltam exemplos de conflitos que dilaceram zonas de fronteira na África, como o leste do Congo-RDC, e desconfiguram totalmente a soberania dos Estados, tal qual a Líbia bipartida, cujas análises servem de referência à presente pesquisa (Anjos, 2025a,b). O objetivo da nova investigação é compreender o drama de El Geneina e do Darfur Ocidental, que vive surtos de violência desde 2019, sob a ótica de sua condição limítrofe e com base contribuições de Friedrich Ratzel e Michel Foucher sobre o fenômeno das fronteiras. Como nos casos do Congo-RDC e da Líbia, a cartografia é orientada pela proposta de “coleção de mapas”, defendida por Roger Brunet (1987, p. 33-34), e pela abordagem multiescalar de Yves Lacoste (1984, p. 22-25), centrada no campo da política.

A hipótese da presente pesquisa é de que a condição fronteiriça de El Geneina, em vigor desde o Sultanato de Darfur (1603-1916) e do Sudão Anglo-Egípcio (1916-1956), foi reconfigurada após a independência de um país cuja representação geográfica sobre a nação menosprezou as periferias não-árabes, semeando conflitos étnicos por todo o Darfur. Afinal, como recorda Foucher (idem, p. 38), os atributos políticos dos Estados nacionais cujas fronteiras servem de invólucro é capital para desvelar a função dos próprios limites e o que transcorre nos seus arredores, zonas que tanto podem separar como unir. No caso do Darfur Ocidental, foram a ditadura militar-teocrática de Omar al-Bashir (1989-2019), a herança das *janjaweed* e as consequências do golpe militar de 2021 que colocaram a fronteira El Geneina na rota de um massacre.

METODOLOGIA

As fronteiras entre Estados são cicatrizes que correspondem a rupturas históricas, segundo Ratzel ([1897] 1988, p. 149-150), que as observava como margens complexas que se expressam de forma visível e invisível. Na presente pesquisa, as fronteiras são tomadas como as discontinuidades geopolíticas mais importantes nos planos real, simbólico e imaginário, como defende Foucher ([1988] 1991, p. 38-39). Ambos autores relativizam a ideia de fronteiras “boas” ou “más”, pois importa mais as atitudes e as representações geográficas tomadas pelos Estados, com base no seu vínculo com o território, que funda a ideia política que os anima (Ratzel, idem, p. 62-64). Fronteiras que, no sentido linear, são inovações bem recentes, ligadas à emergência do Estado-nação.

O moderno sistema interestatal se irradiou pelo globo a partir da Paz de Westfália (1648), que ergueu o pilar da *raison d'État*, alcançando proporções mundiais após a Segunda Guerra Mundial e a descolonização afro-asiática. Deste modo, são recentes as ideias contemporâneas sobre o que é o território, cuja função é garantir a realidade e a imagem da soberania contínua e homogênea do Estado, e do que se trata a nação, “comunidade imaginada” fundada em laços culturais (Alliès, 1980, p. 9-25; Anderson, [1983] 2008, p. 31-34). Ou seja, o território como leito de uma comunidade política é invenção do Estado absolutista na Europa, enquanto as nações no sentido moderno são

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026

Porto Velho-RO

vcongeo2026@unir.br

[@vcongéo2026](https://www.instagram.com/vcongéo2026)

[vcongeo2026.unir.br](https://www.vcongéo2026.unir.br)

www.even3.com.br/vcongéo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

produtos culturais herdados das Revoluções Americana e Francesa, que cristalizaram a ideia de soberania popular (Hobsbawm, 1990, p. 34-45).

Os impérios e reinos pré-modernos estavam fundados sobre afiliações pessoais entre monarcas, classes dirigentes e súditos, combinando extensas conquistas com uma geografia fragmentada de povos (Claval, 1978, p. 106-114). Ao invés de fronteiras lineares, o que havia entre os Estados eram margens, bandas, raias, zonas de soberania indistinta que amorteciam os choques periódicos entre poderes rivais, que incidiam de forma diversa sobre as populações que se encontravam sob seu jugo. Fronteiras políticas, militares e aduaneiras não coincidiam, derivando ao sabor das esferas de influência estabelecidas a partir de capitais móveis, pois o poder – em geral manifestado de forma pura, sem preocupação com a legitimidade que serve de leito à autoridade – estava detido no “corpo do príncipe”, não no “corpo da pátria”.

Logo, a presente pesquisa toma como posição teórica a ideia de que o Sudão só passou a ser “territorializado” no sentido moderno a partir do domínio imperial britânico e, principalmente, após a independência, com a vigência da ideia de Estado nacional e soberano. Apesar disso, o modelo adotado por Cartum desde 1956, que prioriza a *core area* árabe do Vale do Nilo, definiu a capacidade de incluir as periferias do país no campo de uma cidadania comum, seja em Darfur ou no futuro Sudão do Sul (Prunier, 1992, p. 188-190). Os conflitos étnicos encontraram um terreno fértil em meio aos interstícios de um país cuja capital se recusou a fiar a trama que poderia garantir a vigência do Estado de direito nas margens não-árabes do território nacional.

ANÁLISE DE RESULTADOS

Sahel é termo árabe para “costa” e designa o extenso anel subúmido que bordeja o deserto do Saara pelo sul, limite estépico entre a aridez e a savana tropical. Centrado na cadeia vulcânica de *Jebel Marra*, a única “montanha” saheliana, o antigo Sultanato de Darfur tirou partido de sua posição na rota das caravanas que seguiam entre o Sahel, o vale do Nilo e o Mar Vermelho ou que atravessavam o Saara para alcançar o Mediterrâneo (Takana, idem, p. I-II). O nome do reino designava a terra (*Dar*) do povo fur, parte da região que os árabes consideravam como o *Bilad al-Sudan*, “terra dos negros”, fonte de ouro, escravizados e front para a irradiação do Islã.

Darfur emergiu a partir de uma *core area* formada pelo clã Keira do povo fur, que submeteu dezenas de potentados no entorno semiárido do Jebel Marra. Sob o manto da Lei Dali, conjunto de normas que orientava a repartição de poder, vigoravam modos distintos de gestão da terra, traduzindo os graus diversos de soberania que detinha o sultão (idem, p. 129-130). Se os entornos palacianos estavam à vista da corte de El Fasher, capital fixa instituída no século XIX, o mesmo não podia ser dito sobre as tribos árabes beduínas, nômades atraídos por conta de seus enormes rebanhos de gado e camelos, ampliando as trocas culturais e a mestiçagem.

O Dar Masalit era a zona-tampão entre Darfur e seu rival, o Wadai, situação que perdurou do século XVII até a década de 1900. Ratzel chegou a descrever o Dar Masalit como um *Grenzraum*, um “espaço-fronteira”, prévio à abstração dos limites

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026

Porto Velho-RO

vcongeo2026@unir.br

@vcongeo2026

vcongeo2026.unir.br

www.even3.com.br/vcongéo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

lineares (1897, p. 458-459). No século XIX, um front de expansão turco-egípcia subiu pelo vale do Nilo, conquistando o Sudão até seus limites equatoriais, e terminou por submeter o Darfur em 1874, sob as tropas do notório traficante de escravizados Zubeir Pasha. O povoamento árabe se estendeu rio acima, constituindo uma nova zona aberta para a pilhagem imperial e o tráfico de cativos do sul (Prunier, idem, p. 174).

O controle turco-egípcio foi breve, pois Darfur acabou tragada pela Revolta do Mahdi (1881-1899), movimento revivalista islâmico que se apunha ao protetorado britânico sobre o Cairo e preservava as redes escravistas. Com o fim da rebelião, o sultão Ali Dinar (1898-1916) retomou o poder em Darfur, reprimiu o sultão massalit que passara para o lado dos mahdistas, e testemunhou o Wadai sucumbir diante das tropas da França, que avançaram até serem derrotadas pela resistência massalit, em 1910 (Tubiana, 2008, p. 23-24). Porém, durante a Primeira Guerra Mundial, Dinar pendeu para o lado turco-otomano, atitude utilizada por Londres para justificar a conquista de Darfur, em 1916, no zênite do imperialismo europeu.

O Dar Masalit foi a última região de Darfur anexada ao Sudão Anglo-Egípcio, em sua fronteira com a África Equatorial Francesa. Previamente, Londres e Paris concordaram que Darfur e os tributários do rio Nilo seriam britânicos, enquanto Wadai e os afluentes do Congo, franceses. Como retrato da posição ambígua do Dar Masalit, a Grã-Bretanha concedeu ao sultão local uma autonomia ímpar dentro do Sudão, mantendo-o como titular de sua zona-tampão reconfigurada. Apesar do impacto causado pelo fim da escravidão, os britânicos isolaram Darfur inteiro dos projetos de colonização, reforçando as leis costumeiras de controle da terra, o que apaziguou os chefes locais, mas ossificou a hierarquia social (Takana, idem, p. 76).

Quando o Sudão se tornou independente, em 1956, Darfur foi convertida em parte de uma enorme periferia não-árabe, e foi sacudida pelo regime militar e socialista de Jafar Nimeiri (1969-1985), que definhou as estruturas locais de direito costumeiro em nome da fidelidade à nação, atizando rivalidades intertribais (Takana, idem, p. 165). Na década de 1980, quando as secas se tornaram mais comuns, explodiram os conflitos fundiários entre os árabes nômades e os fur, zaghawa e massalit. A geopolítica triangular entre Sudão, Chade e a Líbia de Muammar Khadafi, que instigava os beduínos a abraçarem sua identidade árabe transfronteiriça, metamorfoseou Darfur em plataforma de propulsão para rebeldes chadianos apoiados pela Líbia e/ou pelo Sudão (Tubiana, idem, p. 22-26). As armas proliferavam.

Omar al-Bashir subiu ao poder em 1989 e não aplacou os conflitos em Darfur, zeloso em reprimir rebeldes no Sul, fustigar o Chade e abrigar radicais islâmicos (Meredith, 2005, p. 588-599). A representação geográfica propugnada pelo governo era a *Ummah*, colonizando a narrativa nacional pró-árabe com tons religiosos, enquanto os choques entre árabes e masalit se intensificavam nos estereos do século XX. A insatisfação acumulada em Darfur entre as etnias não-árabes desembocou na criação dos grupos rebeldes Movimento Justiça e Igualdade (JEM) e Movimento de Libertação do Sudão (SLM), que se rebelaram contra Cartum em 2003.

Omar al-Bashir respondeu com o seu Plano de Emergência contra as tribos “infiéis”, executado por um punhado de forças paramilitares, como as milícias

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026

Porto Velho-RO

vcongeo2026@unir.br

[@vcongéo2026](https://www.instagram.com/vcongéo2026)

[vcongeo2026.unir.br](https://www.facebook.com/vcongéo2026.unir.br)

www.even3.com.br/vcongéo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

janjaweed, formadas por integrantes de tribos árabes beduínas (TPI, 2025, p. 90-107). O conflito em Darfur se prolongaria por toda a década de 2000, levando a aproximadamente 300 mil mortos em ciclos de violência e retaliação, além de milhões de refugiados, o que transformou o antigo Dar Massalit em zona de trânsito crucial para milhares de *displaced people*. Atualmente, o Darfur Ocidental é a província com mais pontos de travessia de fronteira em todo o Sudão, locais por onde passam boa parte dos deslocados de Darfur que alcançam o Chade, que abriga 904 mil refugiados sudaneses, segundo o Acnur (2026).

Em 2019, no mesmo ano em que o regime teocrático implodiu por uma revolta popular, rebentou um novo surto de violência entre massalit e os árabes beduínos. Após o golpe militar de 2021, quando os militares e paramilitares escancaram seu domínio sobre a transição política pós-Bashir, a rivalidade ficou evidente entre os generais Abdel Fattah al-Burhan, chefe das Forças Armadas, e Mohammed Dagalo “Hemeti”, líder das Forças de Apoio Rápido (RSF). Os generais inimigos tornaram Darfur um campo preferencial de recrutamento, o que aprofundou a milicianização local apesar dos Acordos de Juba (2020), quando o JEM e do SLM haviam enfim concordado em depor as armas (ONU, idem, p. 11-13). Em 2023, nova guerra civil.

Quando as RSF foram brevemente repelidas em Cartum, o grupo reposicionou seu alvo nas cinco províncias do Darfur. A conquista de El Geneina se deu em meio ao avanço decisivo dos rebeldes sobre outras três capitais da região entre outubro e novembro de 2023, sob comando direto do “Hemeti”. O acirramento da guerra nos meses seguintes empurrou o número de deslocados internos no Sudão de 3,6 milhões em janeiro para 10,5 milhões em julho de 2024 (Acnur, idem). As atrocidades cometidas pelas RSF na conquista de El Fasher, capital do Darfur do Norte, em outubro de 2025, mostram que o desastre de El Geneina é o precedente para dramas análogos em outras partes de Darfur e do Sudão. É a nação como campo de batalha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caso do Darfur Ocidental permite concluir que a situação de fronteira, em si, não é suficiente para traçar as coordenadas que explicam o dilema regional em meio à Guerra do Sudão. Afinal, as tensões étnicas em jogo traduzem o caráter excludente da representação geográfica sobre a nação tramada pela elite política do Sudão desde a independência, que se cruza com as configurações nacionais complexas dos vizinhos Chade e Líbia. Deste modo, a situação de fronteira em El Geneina deve ser compreendida pela mediação do campo das representações geopolíticas que fundam as “comunidades imaginadas” das nações na África, e também pelo contexto internacional de corrosão das instituições multilaterais que deveriam zelar pelo respeito ao direito internacional público e ao direito humanitário internacional. Esse é o raciocínio geográfico que irá orientar a produção cartográfica a ser apresentada no V Congeo (Congresso Brasileiro de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026
Porto Velho-RO
vcongeo2026@unir.br
@vcongeo2026
vcongeo2026.unir.br
www.even3.com.br/vcongeo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

- ALLIÈS, P. **L'invention du territoire**. Grenoble: P. Universitaires de Grenoble, 1980.
- ACNUR. **Sudan – Country Profile**. Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, 2026. Disponível em: <https://data.unhcr.org/en/country/sdn>.
- ANJOS, V. D. dos. “Derna, Cirenaica, Líbia: escalas de uma implosão geopolítica”. *Confins* [En ligne], 68, 2025a. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/64448#quotation>.
- _____. “Kivus, Congo: geografia e multiescalaridade”. Anais do XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, 2025b. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/124205>.
- CLAVAL, P. **Espace et pouvoir**. - Paris: Presse Universitaire de France, 1978, 260 p.
- FOUCHER, M. **Fronts et frontières**: Um tour du monde géopolitique (Nouvelle édition entièrement refondue) - Paris: Fayard, [1988] 1991, 692 p.
- HOBSBAWM, E. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Tradução de Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, 231 p.
- LACOSTE, Y. “Éditorial. Les géographes, l'action et le politique”. *Hérodote*, nº 33-34, 2-3/1984, p. 3-32.
- ONU. **Rapport final du Groupe d'experts sur le Soudan**. Conselho de Segurança das Nações Unidas, Organização das Nações Unidas, 15/1/2024. Disponível em: <https://www.securitycouncilreport.org/un-documents/document/s-2024-65.php>.
- MEREDITH, M. **The fate of Africa**. New York: PublicAffairs, 2005, 754 p.
- MOUNK, Y. **O grande experimento**. Tradução de Odorico Leal. - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, [2022] 2024, 400 p.
- PRUNIER, G. “L’Egypte et le Soudan (1820-1885): Empire tardif ou protocolonisation em Afrique orientale?”. *Hérodote*, n. 65-66, 2-3/1992, p. 169-190.
- RATZEL, F. **La Géographie politique**: Les concepts fondamentaux. Paris: Fayard, [1897] 1988, 225 p.
- _____. **Politische Geographie**. München: R. Oldenbourg, 1897, 748 p. Disponível em: <https://archive.org/details/politischegeogra00ratzuoft/page/n5/mode/2up>.
- TAKANA, Y. S. S. **Darfur**: Struggle of Power and Resources, 1650-2002. Straume, Norway: Michelsen Institute, 2016, 230 p.
- TPI. “Situation in Darfur, Sudan. In the case of The Prosecutor v. Ali Muhammad Ali Abd-al-Rahman (‘Ali Kushayb’)”. Tribunal Penal Internacional, 2025, 356 p. Disponível em: <https://www.icc-cpi.int/sites/default/files/CourtRecords/0902ebd180cb3b4e.pdf>
- TUBIANA, J. “La guerre par procuration entre le Tchad et le Soudan et la ‘darfourisation’ du Tchad : Mythes et réalité”. *Small Arms Survey*, 2008, 75 p. Disponível em: <https://www.smallarmssurvey.org/resources>.

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026

Porto Velho-RO

vcongo2026@unir.br

@vcongo2026

vcongo2026.unir.br

www.even3.com.br/vcongo-638599/